



“Vim para negociar”, disse Delfim, ao chegar a Paris Arquivo

A viagem do ministro é considerada extravagante

HERMANO ALVES
Nosso correspondente

Londres — “Onde está Delfim Netto?” Esta pergunta era feita em Londres nas últimas 48 horas, como consequência natural da notícia publicada pelo jornal *The Guardian* dando como certa a presença do “czar” econômico brasileiro em Paris, a caminho de Frankfurt, possivelmente da capital britânica e, ao que tudo indica, Nova York. Como essa informação — que fontes da BBC também haviam recebido de Brasília — mereceu manchete na primeira página do *grave Financial Times*, os telefones começaram a funcionar, pois toda mundo queria saber onde estava o administrador da maior dívida externa do Planeta, que aumenta de minuto a minuto e hoje está avaliada em 92 bilhões de dólares.

A Embaixada do Brasil em Londres, chefiada por Mário Gibson Barbosa, ex-ministro do Exterior e antigo colega de Delfim Netto no governo do general Emílio Garrastazu Médici, não recebera nenhuma informação oficial. Alguém sugeriu que se telefone para a embaixada em Paris, ocupada pelo ex-ministro Luís Gonzaga Nascimento e Silva.

Mas a embaixada brasileira em Paris ignora, oficialmente, a presença do ministro naquela capital. O embaixador Gonzaga viajou para fora da cidade e só volta segunda-feira. Se ele soubesse da vinda do ministro ficaria, não é? Não necessariamente, é a opinião do jornalista, pois ele pode sentir-se desobrigado de ficar, na medida em que o ministro não se sente obrigado a dizer-lhe que chega. Bem, o senhor tem todo o direito de tirar conclusões, já que estamos numa democracia. De fato, tanto a França quanto a Inglaterra são democracias. É a única conclusão óbvia.

No fim da tarde de ontem, em Londres, a Embaixada do Brasil reiterava não ter recebido nenhuma informação oficial do Itamaraty sobre a vinda à Europa de Delfim Netto, nem tampouco nenhuma notícia por vias transversas.

Ninguém no *The Guardian* tinha condições de confirmar as informações publicadas ou acrescentar algo mais e, no *Financial Times*, sugeriram que entrássemos em contato com seu correspondente no Rio de Janeiro — coisa que parece um gasto inútil de tempo e de latim. Na *Foreign Press Association*, alguém dis-

se que o jeito é recorrer à Scotland Yard, que vive em busca de ministros perdidos.

EXEMPLO MEXICANO

Tudo isso vem a propósito da anunciada viagem de Delfim Netto a Londres (embora no condicional), que, segundo os jornais britânicos, “perturbou os banqueiros”, os quais não receberam nenhuma solicitação para encontros e que julgam ser necessário esperar pelo acordo formal do Brasil com o Fundo Monetário Internacional, no mês de outubro.

Fontes da “City” admitiram que o ministro está interessado em pleitear ao Clube de Paris, além de adiantamentos de títulos vencidos e a vencer, referentes a empréstimos governo-a-governo no valor de US\$ 1,55 bilhão, uma composição “à maneira mexicana”, ou seja, a consolidação da dívida brasileira com prazo de pagamento de oito anos e quatro de carência.

Mas os mexicanos passaram 15 dias negociando com o Clube de Paris, depois de dramatizarem a situação, enquanto as notícias dizem que Delfim Netto ficará somente 48 horas para, em seguida, continuar viagem.

Os hábitos peculiares do ministro, que não pede (e, portanto, não recebe) apoio logístico ao Itamaraty e costuma operar por vias interiores para, depois, exibir os resultados e demonstrar que o crédito do Brasil está mais sólido do que nunca, são hoje vistos como extravagantes, na hora em que o “iceberg” das dívidas externas se aproxima sinistramente do “Titanic” monetário internacional.

No clima de pessimismo reinante em que um diplomata de categoria diz ficar feliz quando lhe chega o cheque, no fim do mês, e procura demonstrar que Portugal está pior que o Brasil, é inevitável que o caso da “nossa dívida polaca” seja assunto de comentários, ao lado do baile do Ibrahim.

As viagens ostensivamente secretas em que se pergunta se é um pássaro, um avião, um meteoro, para concluir-se que é o superministro em busca de US\$ 400 milhões do FMI, de US\$ 600 milhões da Junta da Reserva Federal, de promessas para um pacote de dois bilhões e tanto de dólares ainda este ano são hoje acolhidas com ceticismo, cautela e até ressentimento. Mudam os tempos, mudam as vontades. Só não muda a pergunta familiar: “Onde está Delfim Netto?”